

O TEMPO DOS TRIBALISTAS: As juventudes líquidas traduzidas na música brasileira contemporânea

Rodrigo Koch¹

RESUMO: Este artigo analisa as letras de quatro músicas do grupo Tribalistas a partir dos conceitos de Modernidade Líquida (BAUMAN 2001) e das tribos urbanas (MAFFESOLI 1998) no contexto das juventudes contemporâneas. Para esta análise, também são utilizados dados quantitativos da pesquisa Os Jovens do Ensino Médio das Regiões das Hortênsias e Encosta da Serra. As canções analisadas contribuem para traduzir as condições e características das juventudes líquidas da pós-modernidade. Os jovens apresentam configurações de identidades múltiplas, com transições da infância e adolescência para a juventude – e depois para vida adulta –, variáveis de acordo com o contexto social de cada um.

Palavras-Chave: Juventude, Modernidade Líquida, Música, Tempo das Tribos.

ABSTRACT: This article analyzes the lyrics of four songs of the Tribalistas group based on the concepts of Liquid Modernity (BAUMAN 2001) and urban tribes (MAFFESOLI 1998) in the context of contemporary youth. For this analysis, quantitative data are also used from the survey The Young High School in the regions of Hortênsias and Encosta da Serra. The songs analyzed contribute to translate the conditions and characteristics of the liquid youth of postmodernity. Young people present multiple identity configurations, with transitions from childhood and adolescence to youth - and later to adulthood -, varying according to their social context.

Keywords: Youth, Liquid Modernity, Music, Time of the Tribes.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo analisar, em específico, as letras de quatro músicas do grupo *Tribalistas* – formado pelos músicos e compositores Arnaldo Antunes, Marisa Monte e Carlinhos Brown – a partir do conceito de *Modernidade Líquida* (BAUMAN 2001) e das tribos urbanas (MAFFESOLI 1998) no contexto das juventudes contemporâneas. Para esta análise, também são utilizados dados quantitativos da pesquisa *Os Jovens do Ensino Médio das Regiões das Hortênsias e Encosta da Serra*, em desenvolvimento na região nordeste gaúcha, que engloba aproximadamente quinze (15) escolas das redes pública e privada, em nove (9) municípios e, que traduz os anseios e expectativas dos jovens em relação ao futuro. Também são utilizados demais aportes

¹ Doutor em Educação (Culturas Juvenis). Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. E-mail: prof.koch.rodrigo@gmail.com

teóricos da vasta obra de Zygmunt Bauman, principalmente das últimas duas décadas, além de outros autores que dialogam com a temática em análise.

Bauman desenvolveu o conceito da *Modernidade Líquida* (2001) baseado na condição física dos líquidos (água e todos os demais líquidos), que por vezes, apesar de líquidos apenas não somente passam pelo nosso corpo, ou escorrem pelos espaços, mas também deixam marcas ‘pegajosas’ com maiores ou menores intensidades. Basicamente, Bauman (2001) estava incomodado com algumas características da pós-modernidade que não davam conta de traduzir nossa época e que pareciam uma solução provisória e, de fato, como destaca o próprio autor, não há solução satisfatória e muito menos definitiva para definir o nosso tempo. Ao adotar o termo *Modernidade Líquida*, ele elencou três deficiências da pós-modernidade: o caráter negativo, a indicação de um fim da modernidade, e a escassez de informações a respeito dos atributos próprios dessa nova forma de vida; e buscou melhores definições para os tempos contemporâneos no conceito da *Modernidade Líquida*. De acordo com o sociólogo polonês, nossa época e, principalmente suas relações sociais, se caracterizam por essas condições fluídas, que ‘esvaem-se, respingam, transbordam, vazam, inundam, borrifam, pingam’, e também são ‘voláteis, filtradas e destiladas’. Habitamos um território flutuante, onde os indivíduos preferem manter um autodistanciamento, como se estivessem em permanente viagem, na estrada.

Faço, no título deste artigo, também uma analogia do momento contemporâneo das juventudes com a obra *O Tempo das Tribos*, de Michel Maffesoli (1998), escrita originalmente em francês (*Le Temps des Tribus*) em 1988. A obra faz uma análise da mudança de enfoque da sociedade pós-moderna, onde o individualismo é substituído pela necessidade de identificação com um grupo em certos períodos. Não se trata de uma nova cultura, mas de sua transformação. O surgimento de grupos, de conjuntos musicais, esportivos e turísticos é apontado como característica dessa “nova” sociedade. Julgo importante algumas das análises de Maffesoli (1998), justamente para também fazer um contraponto à sociedade individualizada, defendida por Bauman (2008). Penso que o tempo das tribos, sem perder suas características do passado recente, tenha evoluído para o tempo dos *Tribalistas*, no contexto contemporâneo. Tal afirmação, feita a partir do nome

dados ao trio de músicos brasileiros (Arnaldo Antunes, Marisa Monte e Carlinhos Brown) que expressam movimentos das juventudes líquidas nas letras de suas canções, poderá ficar mais evidente aos leitores quando as análises neste sentido forem apresentadas nas próximas páginas.

Utilizo ainda, para alicerçar algumas condições das juventudes, dados quantitativos de uma pesquisa que está em sua fase final de coleta, em nove cidades² da região nordeste gaúcha, sob minha coordenação, com fomento interno da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs) e, que já conta com quase 800 participantes respondentes. Tal estudo tem por objetivo conhecer e analisar os fragmentos identitários, as percepções juvenis e pretensões universitárias e profissionais dos jovens do Ensino Médio das Regiões das Hortênsias e Encosta da Serra bem como seus projetos de vida, analisando as produtividades dos comportamentos dos mesmos na contemporaneidade. Percebemos que o afastamento e desinteresse dos jovens em relação à escola e aos estudos é um sintoma cada vez mais perceptível nas sociedades atuais. Há movimentos e produtividades das juventudes que circulam pelas regiões e cidades que extrapolam as barreiras institucionais da educação moderna, mas que incidem sobre seus pilares. Neste sentido, nossa proposta é investigar os comportamentos dos jovens no que tange às suas aspirações profissionais e perspectivas futuras, para posteriormente desenvolver ações universitárias que possam contribuir na diminuição destes anseios e dificuldades das juventudes e aproximá-los da academia. Faço uma ressalva também em relação aos dados utilizados nas próximas páginas, pois os mesmos revelam comportamentos de jovens que frequentam a escola, portanto, não são retrato das juventudes num todo, ou seja, são apenas informações de uma das juventudes que circulam pelos espaços públicos e sociais. Há inúmeros jovens fora da escola que muitas vezes se tornam inacessíveis para estudos como este, mas que deverão ser igualmente observados e contextualizados em trabalhos e investigações acadêmicas futuras.

² Fazem parte dos estudo os municípios de Cambará do Sul, Canela, Gramado, Igrejinha, Nova Petrópolis, Parobé, São Francisco de Paula, Taquara e Três Coroas.

JUVENTUDES LÍQUIDAS

As complicações e dificuldades de definir um conceito para a juventude não são de hoje. De acordo com Savage (2009), “juventude” tornou-se um conceito abstrato, distinto da biologia, já nas primeiras décadas do século XX. “[...] a palavra só tinha uma tênue relação com a idade cronológica. Ser ‘jovem’ significava apenas possuir uma receptibilidade ao que era novo e a vitalidade necessária para enfrentar e dominar o ordálio da crise. ‘Juventude’ parecia compreender um novo tipo de força revolucionária que talvez oferecesse um terceiro caminho entre capitalismo e comunismo” (SAVAGE 2009, p.203). Historicamente, no período moderno, o jovem foi apresentado como um problema social, vinculado a atos de violência e ilícitos, com ênfase em sua indisciplina. “São frequentes os relatos dos noticiários televisivos ou das manchetes de jornais impressos fazendo referência à violência nas escolas, tanto entre grupos de alunos como entre alunos e professores” (TOMAZETTI et al. 2014, p.21). Dayrell (2005) aponta algumas características marcantes que geralmente ainda são atribuídas à juventude:

[...] na “falta de respeito” nas relações entre os pares e com os professores, na sua “irresponsabilidade” diante dos compromissos escolares, na sua “rebelia” quanto à forma de vestir – calças e blusas larguíssimas, *piercings*, tatuagens e o indefectível boné –, o que pode ser motivo de conflito quando a escola define um padrão rígido de vestimenta. É comum também entre os professores o estereótipo das gerações atuais como desinteressadas pelo contexto social, individualistas e alienadas, numa tendência à compará-las às gerações anteriores, mitificadas como gerações mais comprometidas e generosas. (DAYRELL 2005, p.54).

Sem deixar completamente tais características desse passado recente, nas sociedades pós-modernas a juventude começa a ser vista e tratada de outra forma, pois adquiriu novos contornos, principalmente com o advento de novas ferramentas tecnológicas de comunicação e também de novas concepções familiares, com pais separados, pais-adolescentes, e avós, tios e irmãos mais velhos assumindo papéis paternos e maternos. “A juventude é um tempo de vida em que as mudanças ocorrem de forma mais acelerada e mais aprofundada [...]” (TOMAZETTI et al. 2014, p.74). São sujeitos de uma nova geração nascidos e engendrados em uma tecnocultura. Há novas mídias que

subvertem completamente às antigas formas de se comunicar (OLIVEIRA e TOMAZETTI 2010), com aquisições de culturas internacionais em redes cada vez mais transnacionais. Há um ‘borramento’ de fronteiras e a juventude se expande e se confunde. Os desejos e sonhos que conduzem os jovens na sociedade de consumidores dos tempos atuais também modificam suas condutas em relação ao que estávamos habituados em tempos modernos e sólidos. Os jovens são nômades. Segundo Lipovetsky (2016), os jovens querem viver imediatamente, sem obrigações nem entraves: a “contracultura” jovem é levada pela utopia de uma vida desembaraçada de todo o peso social.

O que está no centro da vida dos adolescentes hoje em dia senão seus *looks*, saídas, marcas de jeans, videogames, trocas de fotos no *Facebook*? A paixão por aparelhos tecnológicos, espetáculos, moda, jogos e turismo diz respeito a todas as categorias sociais. Com a mercantilização crescente da vida, o comportamento frívolo está sempre se expandindo. (LIPOVETSKY 2016, p.51).

Quando crianças, os jovens pós-modernos, foram educados pelo que podemos denominar de ‘babás-digitais’, ou seja, passavam muito mais tempo em frente à televisão, computadores, videogames, do que na escola ou se dedicando às tarefas escolares; condição que, considero já estar presente desde a década de 1990, ou até alguns anos antes, e com produtividades mais significativas após a virada do milênio. Eles habitam um novo espaço, a internet e/ou as redes sociais.

Hoje em dia, mesmo no espaço doméstico, os jovens encontram-se expostos ao exterior. No refúgio do espaço doméstico, a televisão e a Internet são janelas abertas para o mundo ao qual todos acedem. Esta exposição aos media e às novas tecnologias deu aos jovens um poder de que outrora não desfrutavam. Enquanto que para se ser produtor se necessita de aprendizagens específicas, para ser consumidor basta ter-se preferências. (PAIS 2005, pp.124-125).

Neste momento, ainda de transição de algumas instituições e espaços sociais de um período moderno para uma fase pós-moderna, Dayrell (2005) alerta que a forma como cada sociedade e cada grupo social vai lidar e representar a juventude é muito variada no tempo e no espaço. Como o próprio autor destaca em vários de seus trabalhos, existem *juventudes*. Há diferenças de gênero, etnia, classe social, condições de trabalho, família e

escola que devem ser consideradas ao analisarmos as diferentes juventudes. O espaço que esta nova configuração da juventude passou a ocupar na sociedade ocidental capitalista pode ficar mais claro quando analisamos que já surgiu há muito tempo, e com ênfase maior nas últimas décadas, um novo grupo de consumidores com produtos especialmente pensados para eles. “Em 1944, os americanos começaram a usar a palavra *teenager* para descrever a categoria de jovens com idade entre 14 e 18 anos.

Desde o início, foi um termo de marketing usado por publicitários e fabricantes que refletia o poder de consumo recentemente visível dos adolescentes” (SAVAGE 2009, p.11). O entusiasmo faz deles cobaias involuntárias para a sociedade de consumo, emergente durante as primeiras décadas do século XX e consolidada no século XXI. Sarlo (1997) e Canclini (2004), ao caracterizarem os jovens, salientam que fazer parte deste grupo é uma questão de estilo, ou seja, não há uma faixa etária determinada e sim o ‘estilo jovem’. A juventude começa cada vez mais cedo e se estende por décadas, podendo o indivíduo, por desejo, transitar nesta geração facilmente até os 40 anos de idade. No entanto, segundo Canclini (2004), mais que trabalhadores satisfeitos e seguros se convoca os jovens a serem subcontratados, empregados temporários, e buscadores de oportunidades eventuais. Portadores de diplomas estão colocando os mesmos de lado, junto com lembranças de família, e aceitando empregos que não exigem muita qualificação, com a promessa de engordar os magros salários com gorjetas de clientes. “Alguns observadores franceses estão se apressando em anunciar a chegada da geração ‘Ni-Ni’ (nem emprego, nem educação) – talvez a primeira geração realmente global” (BAUMAN 2013, p. 41). A circunstância, cada vez mais comum entre os jovens brasileiros, é considerada e observada com preocupação por pesquisadores. Um em cada cinco brasileiros entre 18 e 25 anos não trabalha nem estuda. Esses jovens são vítimas de um “desalento estrutural”, ou seja, são pessoas que desistiram de procurar trabalho, porque não têm quase nenhuma qualificação, e tampouco querem voltar a estudar, porque não se sentem atraídas pela escola. É um grupo geracional que não reconhece seu passado e não sabe seu futuro, e para o qual o modelo de triunfo social é ser um *ex-big brother*.

[...] há um número enorme de jovens fisicamente aptos, em idade escolar, que são desabilitados em suas tentativas de atingir padrões estabelecidos pelo mercado de trabalho em função da circunstância de terem nascido e crescido em famílias com rendimentos abaixo da média ou em bairros pobres e esquecidos. (BAUMAN 2013, p.44).

Valendo-me das palavras de Bauman (2007), na introdução do livro *Vida Líquida*, intitulada ‘*Sobre a vida no mundo líquido-moderno*’, descrevo comportamentos dos jovens consumidores na sociedade pós-moderna e contemporânea. Nos dias atuais, “livrar-se das coisas tem prioridade sobre adquiri-las” (p. 8). “A vida líquida é uma vida de consumo. Projeta o mundo e todos os seus fragmentos animados e inanimados como objetos de consumo, ou seja, objetos que perdem a utilidade enquanto são usados” (pp. 16-17). “Na sociedade de consumidores, ninguém pode deixar de ser um objeto de consumo” (p. 18). Do ponto de vista dos teóricos tradicionais do marketing, os jovens consumistas têm hábitos específicos: mudam de opinião facilmente, buscam sempre por novidades e procuram mais qualidade do que quantidade, se relacionando com tendências e valores. Estão constantemente ligados às novas ferramentas tecnológicas, e muitas vezes com diversas mídias e telas (internet, iPod, tevê, telefone móvel, aplicativos ...) interagindo ao mesmo tempo. Os jovens são educados por esses meios por estarem expostos a esses artefatos. Trata-se de um grupo diferente no ato de consumir, por já administrarem, praticamente sem apoio, influência e vigilância dos pais, o “seu dinheiro”, ainda que este provenha dos próprios progenitores.

Os jovens apresentam um caráter nômade, com vínculos flexíveis e assunção de identidades fugazes, rejeitando modelos arbitrários e verdades cristalizadas pelo tempo. Ao mesmo tempo buscam respostas em narrativas inéditas de *tribos juvenis*, abertos ao diálogo, à incerteza, e à fugacidade dos relacionamentos (OLIVEIRA e TOMAZETTI 2012). Os jovens têm elaborado suas próprias formas de organização que atuam, no exterior, como critérios de proteção e segurança diante de uma ordem social que os exclui; e no interior, como espaços de pertencimento e atribuição identitária, a partir dos quais é possível gerar um sentido compartilhado sobre o mundo incerto. A juventude é uma condição de movimento e de errância, um nomadismo (CASTRO 2004). A cultura juvenil se converteu na matriz da revolução cultural do século XX, visível nos comportamentos e

nos costumes, sobretudo no modo de desfrutar dos momentos de lazer e ócio. Em relação aos modos como a sociedade ocidental contemporânea construiu (e constrói) a categoria “jovem”, é importante ressaltar que os atores juvenis enquanto sujeitos sociais constituem um universo cambiante e descontínuo, cujas características são o resultado de uma negação-tensão entre a generalidade da categoria e a atualização subjetiva dos indivíduos (REGUILLO 2012).

Cada cultura juvenil tem uma microcultura que a caracteriza e que vai proporcionar formas específicas de expressão e criação que revelam o modo como os jovens se apropriam de seu entorno e/ou marcas e como devolvem este “produto” para a sociedade (LODI & SOUZA 2005). Convoco Maffesoli (1998) para explicar os novos vínculos compartilhados pelos jovens contemporâneos, baseados em emoções e sentimentos coletivos, unidos através da contemplação – reuniões musicais, esportivas ou apenas de consumo –, ou seja, as neotribos urbanas. Diferente do que prevaleceu até os anos 1970, os agrupamentos do novo milênio se tratam muito menos de se agregar a uma “família” ou a uma “comunidade”, são apenas um ir e vir de um grupo ao outro. Cada um pode participar de uma infinidade de grupos, investindo em cada um deles uma parte de si. As teorias de Maffesoli (1998) se assemelham aos conceitos de *comunidades guarda-roupa e líquidas* de Bauman (2001, 2007 e 2008).

[...] o neotribalismo é caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão. E é assim que podemos descrever o espetáculo da rua nas megalópoles modernas. O adepto do jogging, o punk, o look retrô, os “gente-bem”, os animadores públicos, nos convidam a um incessante travelling. [...] essas “condensações instantâneas”, tão frágeis, mas que, no seu momento, são objeto de forte envolvimento emocional. (MAFFESOLI 1998, p.107).

Este terreno movediço pós-moderno, no qual os jovens caminham, necessita de um tratamento adequado, portanto, não é vergonha para eles fazer “surf” sobre as ondas da socialidade³. É inclusive uma questão de prudência que não deixa de ser eficaz. “[...] as

³ Estrutura complexa ou orgânica da pós-modernidade onde há valorização do papel que cada pessoa é convocada a representar dentro dela. As tribos que nela se cristalizam, tampouco são estáveis. As pessoas que compõem essas (neo)tribos podem evoluir de uma para a outra, ou seja, são tribos afetuais de domínios culturais, produtivos, culturais, sexuais ou ideológicos. A pessoa

diversas solidariedades, os encontros esportivos e musicais são todos indícios de um ethos em formação. É isto que delimita esse novo espírito do tempo que podemos chamar de “socialidade” (MAFFESOLI 1998, p.103). O sociólogo francês Maffesoli lembra que é sempre em relação ao grupo que se vai determinar a vida social. Portanto, mesmo em uma época em que prepondera o individualismo, o ser humano e, principalmente o jovem, continua a sentir a necessidade de viver em comunidade(s). Laços de entrecruzamento de ações, situações, e afetos, formam um todo. A diferença é que ao redescobriremos que os indivíduos não podem mais existir isolados – estejam eles ligados pela cultura, comunicação, lazer ou pela moda – é que as comunidades contemporâneas não têm as mesmas qualidades daquelas da idade média, mas ao mesmo tempo não deixam de ser comunidades, ainda que em muitos casos comunidades virtuais ou efêmeras.

Nestas situações, pode haver territórios simbólicos, qualquer que seja a sua ordem, mas que nem por isso são menos reais. Nesse sentido a delimitação territorial é estruturalmente fundadora de múltiplas socialidades, e o “estar junto à toa” é um elemento revelador para os novos modos de vida que renascem sob nossos olhos (MAFFESOLI 1998). Processos de atração e de repulsão ocorrem por escolha, portanto, ao lado da existência das sensações coletivas, assistimos ao desenvolvimento de redes, ou seja, são socialidades eletivas. A vida em sociedade não se resume a pertencer a um grupo para si mesmo, próprio e absoluto. Há reencontros, situações e experiências. Os grupos se entrecruzam uns com os outros e constituem, ao mesmo tempo, uma massa indiferenciada e polaridades muito diversificadas.

Tal coisa supõe, no entanto, que exista uma multiplicidade de estilos de vida, de certa forma, um multiculturalismo. De maneira conflitual e harmoniosa, ao mesmo tempo, esses estilos de vida se põem e opõem uns aos outros. (MAFFESOLI 1998, p.125).

As elaborações de novos modos de viver são criações puras para as quais devemos estar atentos. O postulado de Maffesoli (1998) considera que “a constituição dos

representa papéis nas diversas tribos de que participa. Mudando seu figurino, ela vai, de acordo com seus gostos assumir seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do theatrum mundi. (MAFFESOLI 1998)

microgrupos contemporâneos é a expressão mais acabada da criatividade das massas” (p.137). Este fenômeno (constituição de microgrupos), portanto, pontua a espacialidade e se faz a partir do sentimento de pertença. Ele afirma que os ritos de massa tribais são perceptíveis nos diversos ajuntamentos, e na fúria consumista, por exemplo, assumindo importância na vida social. Essas manifestações destilam simbolismos, ou seja, a impressão de pertencer a uma espécie comum.

[...] o tribalismo, sob seus aspectos mais ou menos reluzentes, está impregnando cada vez mais os modos de vida. [...] ele recorda a importância do afeto na vida social. [...] O benefício é secundário. Não é sequer certo que o sucesso seja desejado, pois ele arriscaria o aspecto caloroso do estar-junto. (MAFFESOLI 1998, pp.138-139).

Conforme as ocasiões se apresentam – com particularidades vinculadas aos artefatos midiáticos – os jovens se juntam a tal ou qual grupo, se ligam a tal ou qual atividade. Através de muitos vieses constituem as tribos de amigos, religiosas, esportivas e outras. As pequenas tribos podem ser efêmeras em sua realização, mas nem por isso deixam de criar um estado de espírito que parece destinado a durar. A transformação da percepção e concepção do espaço e do tempo é operada pelos processos de globalização, produzindo a ‘invenção de territórios’. Nenhum grupo social fica à margem de seus vínculos, com cruzamentos e justaposições entre o local, o nacional e o global. Reguillo (2012) afirma que na contemporaneidade precisamos analisar os contextos que compõem a cidadania juvenil em uma quarta dimensão, além da social, política e econômica: a dimensão cultural dos jovens. Há um conjunto de situações e estratégias na sociabilidade jovem em que o grupo ou a força coletiva dos pares passa a ser mais forte do que os valores transmitidos pela família ou pela escola.

CHEGARAM OS TRIBALISTAS

A música *Tribalistas*, que (imagino) têm a pretensão de apresentar não somente o trio de músicos e compositores, mas também o conceito de tribalismo contemporâneo, expõe diretamente algumas das condições das juventudes líquidas. Penso que seja oportuno antes de partirmos para as análises apresentarmos trechos da letra desta canção, pois há referências diretas aos comportamentos dos jovens pós-modernos.

[...]
Os tribalistas já não querem ter razão
Não querem ter certeza
Não querem ter juízo nem religião
Os tribalistas já não entram em questão
Não entram em doutrina, em fofoca ou discussão
Chegou o tribalismo no pilar da construção
Pé em Deus e Fé na Taba
Pé em Deus e Fé na Taba

[...]
O tribalismo é um anti-movimento
Que vai se desintegrar no próximo momento
O tribalismo pode ser e deve ser o que você quiser
Não tem que fazer nada basta ser o que se é
Chegou o tribalismo, mão no teto e chão no pé
(TRIBALISTAS; Antunes, Brown & Monte, 2002)

Os versos contextualizam o jovem líquido, parte do tribalismo – ou seja, pertencente a uma ou várias tribos urbanas – , como um indivíduo sem engajamento, despreocupado com questões sociais que levem a debates intensos e de longo prazo, com muitas incertezas e sem vínculos religiosos. De fato, em uma das perguntas que compõe a pesquisa investigativa sobre os jovens que frequentam o Ensino Médio nas Regiões das Hortênsias e da Encosta da Serra o sincretismo religioso é verificado. Apesar de sermos considerados um país católico e, ainda esta religião apresentar a maioria de adeptos (cerca de 47,8% dos entrevistados; porém, muitos por conta de terem sido batizados sob o regime católico), há inúmeras religiões citadas neste item, como: Adventista, Batista, Budista, Cristã, Evangélica, Espírita, Episcopal, Judaica, Luterana, Mormon, Muçulmana, Protestante,

Testemunha de Jeová e Umbanda. Há um percentual também significativo (aproximadamente 23,5%) de jovens que não frequentam ou não seguem religião alguma e, ainda há aqueles que optaram por uma das religiões citadas, mas nem sempre, ou em apenas pouquíssimas vezes, estiveram presentes em cerimônias da religião que apontaram. Também corroboram neste sentido as questões sobre os grupos com os quais os jovens se identificam e que opiniões e conselhos seguem. Diferentemente da pergunta sobre religião, nestas questões os entrevistados poderiam optar por mais de uma resposta. Por frequentarem o Ensino Médio, os jovens se consideram Estudiosos (44,9%), mas também são “Baladeiros⁴” (33,2%), Aventureiros (32,9%), Esportistas (27,9%), Consumistas (21,3%) e “Futebolizados⁵” (19%). No momento de tomarem decisões procuram seguir as opiniões dos pais (82,5%), amigos (49,5%) ou familiares (30,2%). Para apenas 23% a escola ou os professores apresentam conselhos para serem considerados. Portanto, “dar o pé em Deus” e “manter a fé na taba⁶” é sem dúvida uma das características identitárias das juventudes líquidas.

O Tribalismo pós-moderno, na canção, também se apresenta como um anti-movimento, capaz de se desfazer rapidamente e através de novas alquimias, ou seja, em instantes, ter novas configurações. Pode ser o que cada jovem quiser que seja, sendo apenas o que é; portanto, o tribalismo é um movimento que absorve e negocia com as diferenças. As juventudes pós-modernas intensificam suas experiências cada vez mais no presente, constituindo uma sociedade do imediatismo e com vínculos fugazes e voláteis. Os jovens líquidos podem ser um só em muitos e, muitos em um só. O fato de transitarem por muitas identidades (ou fragmentos identitários) e pertencerem a várias tribos urbanas e culturas juvenis, já demonstrada em dados da pesquisa, também é traduzida na letra da canção *Um só*. Vejamos alguns trechos da música.

Somos comunistas
E capitalistas
Somos anarquistas

⁴ Aqueles que frequentam muitos eventos noturnos, festas juvenis.

⁵ Que absorvem as produtividades da Futebolização (ver KOCH 2012, 2018).

⁶ Aldeia indígena. Na música *Tribalistas* faz referências aos que pertencem a mesma tribo (urbana), família, ou grupo.

Somos o patrão
Somos a justiça
Somos o ladrão
Somos da quadrilha
Viva São João

Somos todos eles da ralé, da realeza
Somos um só
Um só

1 2 3
Somos muitos quando juntos
Somos um só
Um só

Somos democratas
Somos os primatas
Somos vira-latas
Temos pedigree
Somos da sucata
E você aí
Somos os piratas
Guarani-tupis

[...]

Maré me fere
Maré me fere
Maré me banha

Maré me leve
Maré me leve
Maré me ganha

Maré me fere
Maré me fere
Maré me fere

[...]

(UM SÓ; Antunes, Antunes, Brown & Monte, 2017)

Na condição líquida, levados pelas marés, e pelas ondas da sociedade de consumidores (BAUMAN 2008), os jovens assumem condições ambíguas que em grande parte das oportunidades vão ao encontro de suas conveniências. Podem ser comunistas, capitalistas, ladrões, justiceiros, anarquistas e, conservadores ao mesmo tempo ou em

nenhum momento. Cerca de 38% dos jovens do Ensino Médio das Regiões das Hortênsias e Encosta da Serra estão trabalhando, recebendo em média menos de um salário mínimo, na condição de subcontratados e desempenhando funções de auxiliares ou aprendizes, em sua maioria em empresas dos setores calçadista, moveleiro ou em escritórios contábeis. Apenas 24% consideram as oportunidades de trabalho para os jovens satisfatórias ou excelentes, enquanto que 36% julgam como péssimas ou insatisfatórias, e outros 40% opinaram que as possibilidades de empregabilidade para as juventudes são regulares. Sobre o futuro profissional 41,7% desejam empreender e sonham em ter o próprio negócio; 41,3% querem desenvolver carreiras autônomas, como médicos, ou advogados; outros 21,3% pretendem trabalhar em instituições ou empresas privadas; e apenas 10,2% ainda apostam nos concursos públicos. Vale ressaltar que nesta última questão, muitos escolherem dois ou mais caminhos. As músicas *Trabalivre* e *Lutar e Vencer* também fazem referências a estas condições das juventudes líquidas. Seguem alguns trechos das mesmas.

Um dia minha mãe me disse
"Você já é grande, tem que trabalhar"
Naquele instante aproveitei a chance
Vi que eu era livre para me virar
Fiz minha mala, comprei a passagem
O tempo passou depressa e eu aqui cheguei
Passei por tudo que é dificuldade
Me perdi pela cidade mas já me encontrei

Domingo boto meu pijama
Deito lá na cama para não cansar
Segunda-feira eu já tô de novo
Atolado de trabalho para entregar
Na terça não tem brincadeira
Quarta-feira tem serviço para terminar
Na quinta já tem hora extra
E na sexta o expediente termina no bar

Mas tenho o sábado inteiro pra mim mesmo
Fora do emprego
Pra me aprimorar

Sou easy, eu não entro em crise
Tenho tempo livre
Pra me trabalhar

(TRABALIVRE; Antunes, Brown, Carminho & Monte, 2017)

Temos suprimento
Temos provisão
Nesse acampamento
Nossa ocupação

[...]
Material humano
Com potencial
De uma natureza
Sobrenatural

[...]
Venha logo, não demore
Estamos esperando você
Venha, chegue junto
Somos fortes pra lutar e vencer

Estamos dando aula
De organização
Reformando a sala
Dormindo no chão

[...]
Somos emergência
De revolução
Temos consciência
E educação

[...]
(LUTAR E VENCER; Antunes, Brown & Monte, 2017)

O desengajamento é o novo lema na *Modernidade Líquida*. Quanto mais leve melhor para se mover de modo imperceptível. Vivemos em uma sociedade em que tudo funciona a partir da leveza: ser mais leve e mais rápido é o princípio fundamental (LIPOVETSKY 2016). Ter um corpo esguio adequado ao movimento, trajar roupas leves e tênis, portar um telefone móvel equipado com todos os aplicativos necessários, além de demais artefatos portáteis e descartáveis, são as principais características e objetos culturais da era da instantaneidade. A vida não é mais uma história com começo, meio e fim em uma curva ascendente com um rápido declive que antecede a morte; mas sim uma sequência de episódios – cada um devendo ser calculado em separado, pois cada um terá

seu próprio balanço de perdas e ganhos – com subidas, descidas e descontinuidades frenéticas. Nas relações de trabalho também são identificáveis essas transformações. O centro de controle – principalmente das multinacionais – está oculto. Não há mais um líder ou uma ideologia clara. Em tempos pós-modernos,

Raramente se espera que o trabalho enobreça os que o fazem, fazendo deles seres humanos melhores, e raramente alguém é admirado e elogiado por isso. A pessoa é medida e avaliada por sua capacidade de entreter e alegrar, satisfazendo não tanto a vocação ética do produtor e criador quanto as necessidades e desejos estéticos do consumidor, que procura sensações e coleciona experiências. (BAUMAN 2001, p.176)

Se desengajamento é o lema, a flexibilidade passou a ser o slogan das relações de trabalho contemporâneas; com contratos de curto prazo – ou sem contratos – e saturados em incertezas, demissão sem aviso prévio (para ambos, empregado e empregador) e poucos ou nenhum direito de compensação. Um bom currículo não é mais aquele que apresentava uma única ou poucas empresas (não mais que três) ao longo de trinta anos ou mais de carreira; agora, quanto mais experiências (ainda que sejam em setores antagônicos) mais valor poderá ter o profissional – que vale lembrar, deve ser jovem e disposto a “navegar”. Formas fugazes de associação são mais úteis para as pessoas que conexões de longo prazo, que na falta desta segurança adotam a estratégia razoável da “satisfação instantânea”.

Compromissos do tipo “até que a morte nos separe” se transformam em contratos do tipo “enquanto durar a satisfação”, temporais e transitórios por definição, por projeto e por impacto pragmático – e assim passíveis de ruptura unilateral, sempre que um dos parceiros perceba melhores oportunidades e maior valor fora da parceria do que tentar salvá-la a qualquer – incalculável – custo. (BAUMAN 2001, pp.204-205)

Não há nada melhor para um profissional da pós-modernidade do que estar desprendido de emoções sólidas que marquem ou determinem sua permanência em um lugar, ou seja, sua fixação a uma cidade ou a uma empresa. “As grandes correntes ‘revolucionárias’ ficaram para trás: há apenas ‘tendências’ e artistas-celebridades midiaticizados” (LIPOVETSKY 2016, p.194). Zygmunt Bauman também argumenta que o empregado ideal é aquele sem vínculos, compromissos ou emoções anteriores. A

necessidade do mercado faz com que tenham que buscar novas identidades a cada momento, possibilitando casos e situações inimagináveis há menos de trinta anos atrás, como ver negros africanos nos Cárpatos russos, ou representantes das classes pobres sul-americanas adquirindo a casa própria e fazendo economias em meses de atuação na Europa, ou ainda as verdadeiras *Torres de Babel*, instituídas nas principais instituições internacionais.

Podemos relacionar os pensamentos de Bauman com o que Sennet (2002) escreveu em *A corrosão do caráter*. O autor aponta que as relações no trabalho estão mudando tanto nos últimos anos que até mesmo o significado da palavra “trabalho” está mudando. “Essa ênfase na flexibilidade está mudando o próprio significado do trabalho, e também as palavras que empregamos para ele” (p. 9). Hoje, as pessoas executam apenas partes do trabalho de uma forma fragmentada. Os trabalhadores não são mais controlados *in loco*, pois seu desempenho pode ser acompanhado à distância. Os serviços preponderam sobre os produtos. Há “novas maneiras de organizar o tempo, sobretudo o tempo de trabalho” (p. 21). Agências de emprego passaram a ocupar espaço dentro das empresas com serviços terceirizados para segurança, limpeza, aspectos jurídicos e contábeis. Como já destaquei, antes era admirável e desejável permanecer em um mesmo local de trabalho por muitos anos, enquanto que hoje, quanto mais flexível for o trabalhador para rapidamente se adaptar a novas tarefas melhor será para ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, apresento um outro dado pertinente as discussões já feitas. Dos jovens entrevistados na pesquisa investigativa, apenas 23,7% pretendem permanecer no município onde residem atualmente nos próximos anos. Os desejos das demais juventudes se dividem em sair do Estado (9,7%), morar em outro município do Estado (14,2%), morar em outro município da Região (19,8%), ou sair do país (32,7%). Os posicionamentos são sintomáticos em função do cenário sociopolítico do Brasil e, das poucas oportunidades para os jovens. Portanto, colocam suas esperanças em outras localidades, principalmente fora do país, para que possam atingir seus sonhos no futuro próximo. Esta também pode

ser mais uma das características das juventudes líquidas: a transitoriedade ou o eterno deslocamento geográfico, procurando não fixar-se e estabelecer vínculos duradouros seja de que ordem for: profissional, comunitária ou amorosa.

As quatro canções do grupo *Tribalistas* analisadas neste artigo contribuem para traduzir as condições e características das juventudes líquidas da pós-modernidade, bem como os dados quantitativos da pesquisa *Os Jovens do Ensino Médio das Regiões das Hortênsias e Encosta da Serra*. Portanto, os jovens apresentam configurações de identidades múltiplas, com transições da infância/adolescência para a juventude – e depois para vida adulta –, variáveis de acordo com o contexto social de cada um. Fazem parte de “cronotopias”, ou seja, trajetórias que mesclam tempos e espaços pós-modernos e, onde, na contemporaneidade, os territórios em grande parte das vezes são virtuais e não definidos geograficamente. O quanto cada um será mais ou menos flexível, múltiplo, (in)controlável, imponderável, fluido e *líquido* dependerá das relações entre a sua própria subjetividade e as exigências do(s) sistema(s) no(s) qual(is) está inserido ou irá se inserir.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. Vida Líquida. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. Sobre educação e juventude. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CANCLINI, Nestor Garcia. Diferentes, Desiguales y Desconectados. Barcelona: Editorial Gedisa, 2004.

CASTRO, Lucia Rabello de. A aventura urbana: crianças e jovens no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. Juventude, produção cultural e Educação de Jovens e Adultos. In: SOARES, Leônicio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro; GOMES, Nilma Lino (orgs.). Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. Da leveza: rumo a uma civilização sem peso. Tradução Idalina Lopes. Barueri, SP: Manole, 2016.

LODI, Célia Amália; **SOUZA**, Solange Jobim. Juventude, cultura *hip-hop* e política. In: **CASTRO**, Lucia Rabello de; **CORREA**, Jane (orgs.). Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais. Rio de Janeiro: NAU Editora/FAPERJ, 2005.

MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Tradução Maria de Lourdes Menezes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

OLIVEIRA, Adriano Machado; **TOMAZETTI**, Elisete Medianeira. Novos sujeitos no ensino médio? Reflexões acerca da subjetivação juvenil no cenário escolar contemporâneo. Acta Scientiarum. Education. Maringá, v.32, n.1, p. 127-134, 2010.

_____. Sobre a condição juvenil na escola contemporânea: cenários de uma crise. Atos de pesquisa em Educação – PPGE/ME FURB, v.7, n.1, p.106-121, jan./abr. 2012.

REGUILLO, Rossana. Culturas juveniles: formas políticas del desencanto. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012.

SARLO, Beatriz. Cenas da vida Pós-Moderna. Intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina. Tradução Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

SAVAGE, Jon. A criação da juventude: como o conceito de *teenage* revolucionou o século XX. Tradução Talita Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SENNET, Richard. A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 2002.

TOMAZETTI, Elisete Medianeira; **RAMOS**, Nara Vieira; **SALVA**, Sueli; **OLIVEIRA**, Adriano Machado; **SCHLICKMANN**, Vitor. Os sentidos do Ensino Médio: olhares juvenis sobre a escola contemporânea. 2ª edição. São Leopoldo: Oikos, 2014.

MÚSICAS CITADAS:

ANTUNES, Arnaldo; **BROWN**, Carlinhos; e **MONTE**, Marisa. Tribalistas. Rio de Janeiro: Phonomotor Records – EMI, 2002.

_____ ; Um Só. Rio de Janeiro: Phonomotor Records – Universal Music, 2017.

_____ ; Trabalivre. Rio de Janeiro: Phonomotor Records – Universal Music, 2017.

_____ ; Lutar e Vencer. Rio de Janeiro: Phonomotor Records – Universal Music, 2017.